

**A ESTRUTURA E O ALÉM ESTRUTURA EM LACAN:
Uma Perspectiva acerca do Estruturalismo e Existencialismo na Teoria e Clínica
Laciana**

*Joyce Bacelar Oliveira**

RESUMO:

Este artigo apresenta uma análise comparativa do que se trata a estrutura e o que designei como além estrutura na psicanálise laciana. Para tanto, o artigo aborda a elaboração estruturalista de Lacan, como também a influência do Existencialismo de Heidegger na clínica laciana. O artigo, portanto, estabelece uma relação entre a estrutura do sujeito desejante, que é anterior a ele, e o que ele faz da sua estrutura na sua vida psíquica. Desta forma, o artigo traz uma abordagem da posição do sujeito desejante diante do seu gozo, como isso aparece na clínica e o que é feito disto na clínica.

PALAVRAS-CHAVE: Estrutura. Além estrutura. Sujeito desejante. Gozo. Clínica.

* **Joyce Bacelar Oliveira.** Psicanalista. Graduada em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Teoria Psicanalítica pela UCL (University College London), Londres-Inglaterra.

“É, portanto, nesse abraço estrutural de alguma coisa inserida radicalmente nesta individualidade vital com esta função significante, que nós estamos na experiência analítica” (LACAN 1962, p. 80, minha tradução)

A psicanálise traz como marco a descoberta do inconsciente, assim como a articulação dos mitos e símbolos que influenciam na sua formação. Podemos verificar isso através de *Édipo e Totem e Tabu*. A elaboração de Freud demonstra que o sujeito vem de uma estrutura anterior a ele e, por isso, está imerso em símbolos que determinam a sua vida psíquica. Por outro lado, Lacan, em seu retorno a Freud, articula os mecanismos do inconsciente, assim como a constituição do sujeito desejante, tomando como referência o estruturalismo. Essa abordagem leva muita gente a classificá-lo como estruturalista, rótulo que o próprio Lacan rejeita.¹ No entanto, Lacan visita e revisita o estruturalismo em suas elaborações psicanalíticas. Lacan desenvolveu conceitos psicanalíticos fundamentais com base no estruturalismo, e tais conceitos são hoje utilizados em diversas áreas trazendo uma contribuição crucial para o diálogo com a psicanálise. Gostaria, então, de fazer uma pergunta como provocação: pode-se dizer que o estruturalismo está em Lacan assim como Lacan está para o estruturalismo? Muito se tem falado sobre Lacan estruturalista devido a sua abordagem linguística em seu retorno a Freud. Contudo, ao analisarmos os preâmbulos da psicanálise lacaniana, deparamo-nos com o que vou denominar aqui de um além estrutura, isto é, com as transformações subjetivas que o sujeito opera na sua estrutura, a ressignificação da própria estrutura pelo sujeito. No auge do estruturalismo, não teria Lacan se preocupado em dar uma estrutura ao seu retorno a Freud? No entanto, tendo como ponto de partida o fato de que a psicanálise é clínica, seria ela estruturalista assim como os seminários de Lacan procuraram ser mesmo depois de 1970, momento em que o *real* terá um lugar privilegiado em seus seminários? São questões de que gostaria de pontuar ao longo do texto a fim de refletir sobre a teoria e a clínica lacaniana.

O uso de termos linguísticos de Jakobson e Saussure assim como a antropologia de Lévi-Strauss contribuíram bastante na elaboração da perspectiva psicanalítica de Lacan. Ao afirmar que o inconsciente está estruturado como linguagem, Lacan formalizou as manifestações inconscientes, tais como os atos falhos, os chistes, utilizando-se das figuras de

¹ “Foi isso, em suma, que gerou o círculo que uma função crítica julgou poder captar por um termo que, com certeza, não é assumido por nenhum dos que são seus elementos de ponta, mas pelo qual nos vemos afetados, como se fosse uma etiqueta bizarra que nos tivessem colado nas costas sem nosso consentimento, a saber, o estruturalismo” (LACAN 1969, p. 185).

linguagem metáfora e metonímia, da mesma forma como Freud utilizou a condensação e o deslocamento para elucidar o trabalho psíquico dos sonhos. Para Lacan, os processos metafóricos e metonímicos, pelos quais as manifestações inconscientes se estruturam, viabilizam a leitura, ou melhor, a escritura do inconsciente. Esses movimentos da metáfora e da metonímia são evidenciados na clínica através dos deslocamentos dos significantes, ou seja, da dinâmica das palavras no discurso do sujeito.

Tomando como apoio a antropologia estrutural de Lévi-Strauss para a reformulação do complexo de Édipo, Lacan chama atenção para a função paterna, função proibidora e simbólica na constituição do sujeito. Para Lévi-Strauss o sujeito se torna um ser da cultura pela lei da exogamia, o que Lacan traduz como função da metáfora paterna. Assim como a metáfora paterna, que faz parte do registro simbólico, é responsável pela formação do sujeito, os registros real e imaginário também fazem parte da estruturação dada por Lacan ao sujeito do inconsciente. Em *O Pensamento Selvagem* (1962), Lévi-Strauss argumenta que a exigência de ordem é constitutiva da natureza, assim sendo, parte do princípio que a natureza é ordenada. Contudo, é a cultura que lança o indivíduo no simbólico, dando assim uma estrutura ao sujeito. Portanto, a função paterna é responsável pela inserção do sujeito na ordem simbólica. Como os registros real e imaginário também fazem parte da formalização dada ao sujeito do inconsciente, esses registros são parte de uma estrutura pré-sujeito. O psicanalista francês aborda a relação do sujeito com os três registros desde a passagem pelo estágio do espelho, no qual a criança forma a imagem do seu corpo como uma entidade descolada e independente do corpo da mãe, até a emergência do sujeito do desejo após a interdição edípica. Portanto, somos inseridos em uma estrutura, não nos inserimos nela? Até que ponto?

Daí vem o paradoxo da psicanálise “estruturalista” lacaniana. Segundo Lacan, não falamos e sim somos falados, pois a linguagem pré-existe ao sujeito. O discurso do inconsciente assim como o desejo do sujeito vem do Outro, uma vez que é através das identificações que o sujeito se constitui. Nesse sentido, é importante sublinhar que as identificações ocorrem apenas através dos significantes. O sujeito aparece primeiro no campo do Outro através do significante primordial, o significante unário, a partir do momento que ele representa o sujeito para um outro significante, o significante do falo imaginário que a criança tentou ser para sua mãe. Então, onde ficamos enquanto sujeitos? Como podemos nos implicar diante de nossas ações perante essa estrutura de linguagem e símbolos na qual somos inseridos? Seria o estruturalismo mesmo o que rege a clínica lacaniana? Lacan nos diz: “O

que eu digo postula a estrutura, porque visa, como afirmei da última vez, a causa do próprio discurso” (LACAN 1969, p.31). Portanto, a estrutura pela qual o sujeito é instituído determina a-*causa* do seu discurso como Lacan coloca no seminário *De um Outro ao outro* (1969). Dessa forma, o objeto *a*, objeto causa de desejo, surge como efeito da inserção do sujeito na sua estrutura. É justamente a partir da relação do sujeito com o objeto *a* que se estabelece o além estrutura, ou seja, o além estrutura ocorre a partir do momento em que o sujeito do inconsciente subjetivamente transforma a estrutura que lhe foi inserida. Há, dessa forma, uma subjetificação da estrutura pelo próprio sujeito. É como se o sujeito fizesse uma leitura subjetiva da sua própria estrutura e, a partir dessa leitura, ele se situasse no mundo.

Seria interessante nesse momento voltar a atenção à clínica lacaniana. Voltar a atenção ao que se trata do além estrutura na clínica lacaniana. Lacan fala em emergência do sujeito do inconsciente tanto na clínica como em relação ao término do complexo de Édipo. A emergência do sujeito do inconsciente está relacionada ao além estrutura e, a forma como acontece esse além estrutura é o que nos interessa enquanto psicanalistas. Gostaria, portanto, de abordar momentos pontuais da inserção do sujeito na sua própria estrutura, que se trata desse além estrutura, com o qual ele se identifica. Para começar é interessante ter um olhar atento ao complexo de Édipo e os seus desdobramentos. A emergência do sujeito a partir da relação edipiana só é possível diante da subjetivação do indivíduo enquanto castrado/interditado pela lei maior. Nesse momento o sujeito identifica-se com uma estrutura, porém na sua subjetivação existe uma escolha, um além estrutura. Podemos verificar essa escolha subjetiva através do matema da fantasia de Lacan ($\$ \langle \rangle a$), pelo qual o sujeito, após ser interditado, entra em uma conjunção e disjunção com o objeto perdido, o objeto *a*, ou seja, aquilo que no complexo de Édipo era o falo imaginário e que se tornou objeto causa de desejo após a castração:

O *a* vem substituir a hiância que se designa no impasse da relação sexual e reproduz a divisão do sujeito, dando-lhe a sua causa, que até então não era apreensível de maneira alguma, porque é próprio da castração que nada possa enunciá-la, propriamente falando, uma vez que sua causa está ausente. Em seu lugar vem o objeto *a*, como causa substituta do que constitui, radicalmente, a falha do sujeito (LACAN 1969, p. 335).

A emergência do sujeito acontece, então, de forma identificatória e alienante, pois ele tenta manter o mesmo lugar de objeto do desejo do Outro após a castração. Contudo, o sujeito fica entre uma estrutura e um além estrutura, sem conseguir se desprender do Outro, sem assumir seu papel de desejante, dependendo, dessa forma, do Outro para subjetificar a sua existência. Isso ocorre porque sem o Outro não há sujeito, o sujeito depende do Outro

para que ocorra o seu advento. Entretanto, não podemos deixar de supor um além estrutura, pois há subjetivação por parte do sujeito na sua emergência, há um devir, uma transformação daquela estrutura que lhe foi inserida.

Nessa perspectiva, existem as identificações que acompanham o sujeito nas suas escolhas subjetivas. E qual o papel da clínica lacaniana? Seria ela estruturalista assim como a teoria aparenta ser? Para Lacan, a emergência do sujeito do inconsciente ocorre na clínica, no momento em que o sujeito assume, como seu, o desejo do Outro, desgarrando-se das identificações. Isso implica, acima de tudo, assumir responsabilidade pelas suas ações. No lugar de “isso aconteceu comigo”, “foi assim”, o sujeito deve se implicar e assumir a posição de “eu fiz isso”, “sou responsável por isso”. Assim, ele estará assumindo também o seu lugar na fantasia e no gozo, o seu lugar de desejante. Nesse sentido, acredito que a emergência do sujeito na clínica lacaniana tem maior relação com o Existencialismo. Heidegger está mais presente na clínica lacaniana do que Saussure e Lévi-Strauss. Somos falados sim, porém devemos falar de nossa posição de desejante a fim de emergirmos enquanto sujeitos responsáveis pelas nossas ações. Lacan, diz, então:

Que a verdade seja desejo de saber, e nada mais, evidentemente só serve para nos fazer questionar precisamente isto: e se houvesse uma verdade antes? Todos sabem que é esse o sentido do *deixar ser* heideggeriano. Haverá alguma coisa a *deixar ser*? É nesse sentido que a psicanálise traz uma contribuição (LACAN 1969, p. 205).

Ainda no seminário *De um Outro ao outro* (1969), Lacan aborda o estruturalismo como a verdade anterior, verdade que se constitui como efeito da demanda da mãe no complexo de Édipo. Em *A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder* (1958), Lacan ressalta que a única forma de se ter acesso ao desejo do sujeito é através do exame do lugar do desejo em relação aos efeitos da demanda na relação mãe-filho. Porém, no mesmo seminário de 1969, Lacan enfatiza que Heidegger institui o *deixa ser*. O conceito *deixar ser* é um dos pilares da ética finista de Heidegger que é abordado em *Ser e Tempo* (1927). O que Heidegger ressalta não é um agir a realizar, normas a cumprir, mas um deixar acontecer, um chamado a seguir. O *deixar ser* não conta com uma causa no sentido do agir causal, pois, para Heidegger, este está relacionado com a disposição de finalidade no querer. Para Lacan, o *deixar ser* se manifesta em relação ao sujeito pulsional, em função do que o sujeito é e como ele é diante da sua pulsão. O *deixa ser* implica o desejo de saber sobre a pulsão, o saber fazer com a pulsão na clínica. Nesse sentido, por mais que a pulsão esteja conectada à verdade anterior, à uma estrutura, o que nos interessa é a condição de ser da pulsão, o devir da pulsão do sujeito desejante:

Para dizer que, com efeito, existe alguma coisa que se poderia *deixar ser*. Só que ela intervém nisso. E intervém de um modo que nos interessa, para além do limiar atrás do qual se detém, na medida em que ela faz com que nos interroguemos sobre o que se passa com o desejo de saber. É por isso que voltamos à pulsão (LACAN 1969, p.205).

Nessa perspectiva, devemos sim voltar à pulsão e situá-la na economia do sujeito desejante já que o sujeito é pulsional e faltante na sua estrutura. A pulsão indica a inserção do sujeito na sexualidade que advém do campo do Outro. A pulsão também sinaliza a circularidade do objeto *a* na medida em que ele visa sempre o outro para retornar ao sujeito, satisfazendo, assim, parcialmente, a pulsão. O contorno da pulsão tem por finalidade fugar o gozo do outro. O outro tem que entrar em jogo para que a pulsão se satisfaça. Desta forma, fica evidenciado que há uma alienação em relação ao desejo do Outro, o que alimenta a pulsão é o gozo do Outro. Contudo, a pulsão contorna porque não tem um objeto específico, portanto, não se satisfaz plenamente. Como diz Lacan: “O sujeito se aperceberá que seu desejo é apenas vão contorno da pesca, do fígamento do gozo do outro – tanto que, o outro intervindo, ele se aperceberá de que há um gozo mais além do princípio do prazer” (LACAN 1964, p. 174).

Como, então, alguma coisa poderia *deixar ser* diante da circularidade da pulsão, diante dessa alienação estruturante? Podemos considerar a questão da forclusão do gozo para entender como o desejo de saber sobre a pulsão, o *deixar ser* Heideggeriano, tem um papel importante na clínica. A forclusão do gozo ocorre como efeito da realização do complexo de castração, ou seja, o gozo é foracluído por não ser subjetivado na conclusão do complexo de Édipo. O gozo, portanto, está absolutamente no registro do real por não ser simbolizado na constituição da subjetividade. Contudo, a função fálica parece marcar o traço de sua determinação como consequência da relação do gozo com o que se estrutura como o Outro, isto é, a relação do registro real com o registro simbólico. Há, portanto, a princípio, uma “intromissão positiva” de um gozo auto-erótico presente nas primeiras sensações da criança, que é o efeito da função fálica na vida psíquica do sujeito. Nesse momento de produção do gozo fálico surge, paralelamente, a dependência do sujeito ao desejo do Outro, dependência do mesmo lugar que o sujeito ocupou antes do complexo de castração, lugar de objeto do desejo do Outro (mãe). Então o objeto *a* parece demonstrar retroativamente que era ele quem dava estrutura ao sujeito, e o sujeito, mesmo depois da castração, tenta manter o lugar de objeto *a*, mesmo como *falta-de-gozo* na economia de sua fantasia ($\$ \diamond a$). A fantasia, portanto, evidencia a entrada do sujeito no registro simbólico uma vez que a relação

de gozo entre mãe e criança é significada. Entretanto, a forclusão do gozo, no processo da castração, determina a *falta-de-gozo* que não implica ser sem gozo, pois o gozo sempre retorna.

É possível, a partir daí, elaborar o desejo de saber sobre a pulsão no nível clínico. Lacan constata que graças à relação positiva do sujeito com o gozo sexual, aparece o desejo de saber. O desejo de saber se ordena a partir do enigma do campo do Outro e pela proibição de gozo que é produzida em decorrência da função da metáfora paterna. “O gozo sexual só extrai sua estrutura da interdição que incide sobre o gozo dirigido para o próprio corpo” (Lacan 1971, p. 101). Isso demonstra que resta gozo, resta o representante da falta-de-gozo, que é o mais-de-gozar, porém, o gozo se apresenta sob a modalidade das relações civilizantes. Contudo, o gozo é invasivo e, portanto, reaparece no real. É justamente pela intrusão da função sexual no campo subjetivo que o desejo de saber sobre a pulsão é determinado no sujeito. Apenas a clínica faz a função do *deixar ser* da pulsão, o desejo de saber sobre a pulsão, na medida em que o discurso do sujeito é tomado pelos significantes no momento em que o sintoma do sujeito é trabalhado na clínica e torna-se possível desvelar a relação do sintoma do sujeito com o gozo, como diz Lacan:

De lugar nenhum, ei-lo que ressurgue em toda parte, justamente por essa exclusão que é tudo aquilo por meio do qual ele se realiza. É justamente a isso que se liga nossa prática – ali onde lidamos com o sintoma, desvelar, desmascarar a relação com o gozo, que é nosso real uma vez que está excluído (LACAN 1969, p. 316).

Conclui-se, diante disso, que é na clínica que o sujeito se responsabiliza pelo seu gozo e o que é feito dele, pois mesmo com toda estrutura que lhe foi inserida, o que é feito da pulsão é determinação do sujeito. O gozo lhe pertence. Caso contrário, qual seria o lugar da clínica na reconstituição subjetiva do sujeito? Como diz Lacan, o término da análise é a realização do complexo de castração, é a reconstituição subjetiva no nível da falta, no nível do *falta-a-ser*. Para tanto, o sujeito precisa simbolizar o seu lugar de faltante e a fantasia que sustenta o seu desejo primordial a fim de se responsabilizar pelas intrusões do seu gozo:

Só se é responsável na medida de seu *savoir-faire*.
Que é o *savoir-faire*? É a arte, o artifício, o que dá à arte da qual se é capaz um valor notável, porque não há Outro do Outro para operar o juízo final. Pelo menos sou eu quem o enuncio assim.
Isso quer dizer que há uma coisa que não podemos gozar (LACAN 1976, p. 59).

A estrutura e o além estrutura são indissociáveis na teoria e na clínica lacaniana. Não haveria o além estrutura sem uma estrutura fundante na vida do sujeito. Porém, é necessário que o sujeito fale do seu lugar de desejante a fim de assumir a responsabilidade

pelo seu gozo na economia do seu desejo. Para que o sujeito fale do seu lugar de desejante é necessário que ele se aproprie do seu discurso e vá à busca da causa desse discurso. A causa é o próprio gozo, pois este não é nada além do que o efeito retroativo do objeto *a* na economia psíquica do sujeito. O gozo só aparece nesse lugar em função da capacidade retroativa da repetição, dando, assim, a sua causa. Portanto, o gozo se impõe. *É aquilo que não tem mais jeito de dissimular. O que todos os avisos não vão evitar.* Entretanto é também aquilo pelo que o sujeito deve se responsabilizar.

Referências:

HEIDEGGER, M. (1927), *Ser e tempo*; tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback; Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

LACAN, J. (1958), “A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1959), *The seminar of Jacques Lacan. Book 6: Desire and its Interpretations*. Trans. Cormac Gallagher.

_____. (1962), *The seminar of Jacques Lacan. Book 9: Identification*. Trans. Cormac Gallagher.

_____. (1964), *O seminário, livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

_____. (1969), *O seminário, livro 16, de um Outro ao outro*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

_____. (1971), *O seminário, livro 18, de um discurso que não fosse semblante*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

_____. (1976), *O seminário, livro 23, o sinthoma*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

LÉVI-STRAUSS, C. (1962), *O Pensamento Selvagem*, Campinas, SP, Papyrus, 1997.

**THE STRUCTURE AND BEYOND STRUCTURE IN LACAN: A PERSPECTIVE
AROUND THE STRUCTURALISM AND EXISTENTIALISM IN THE LACANIAN
THEORY AND CLINIC**

ABSTRACT:

The article presents a comparative analysis between the structure of the subject and what I am calling beyond structure of the subject. Hence, the article approaches the structuralistic elaboration of Lacan as well as the influence of the Existentialism of Heidegger in the Lacanian clinic. The article, therefore, establishes a relationship between the structure of the desiring subject, which takes place before he is born, and what he does with that structure in his psychic life. So that, the article brings an approach of the position of the desiring subject in the face of his *jouissance*, how this comes up in the clinic and how it is dealt in the clinic.

KEYWORDS: Structure. Beyond structure. Desiring subject. *Jouissance*. Clinic.

**LA STRUCTURE ET L'AU-DELÀ DE LA STRUCTURE DANS LACAN : UNE
PERSPECTIVE SUR LE STRUCTURALISME ET L'EXISTENTIALISME DANS LA
THÉORIE ET LA PRATIQUE LACANIENNE**

RÉSUMÉ :

L'article offre une analyse comparative entre la structure du sujet et ce que j'appellerai l'au-delà de la structure du sujet. L'article utilise les développements structuralistes de Lacan ainsi que l'influence de l'existentialisme heideggérien apparent dans la clinique de Lacan. Un lien est établi entre la structure du sujet désirant qui se met en place avant la naissance et la façon dont le sujet va organiser cette structure au cours sa vie psychique. L'article développe ainsi une approche concernant la position du sujet désirant face à sa jouissance, la façon dont ceci se manifeste dans la clinique et la façon de le gérer.

MOTS-CLÉS: Structure. Au-delà de la structure. Sujet désirant. Jouissance. Clinique

**A ESTRUTURA E O ALÉM ESTRUTURA EM LACAN:
Uma Perspectiva acerca do Estruturalismo e Existencialismo na Teoria e Clínica Lacaniana**

Recebido em 22-01-2013

Aprovado em 15-02-2013

© 2013 *Psicanálise & Barroco em revista*

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista